

**“PORQUE CADA PALAVRA SILENCIOSA É UM GESTO”
O AUTISMO NA VIDA E OBRA DE HENRIETTA FAJCSÁK**

**“BECAUSE EVERY SILENT WORD IS A GESTURE”
AUTISM IN THE LIFE AND WORK OF HENRIETTA FAJCSÁK**

Sílvia Ester Orrú¹

Data de recebimento do texto: 03/08/2024

Data de aceite: 30/08/2024

Resumo: O artigo tem como propósito evidenciar e discutir acerca da literatura comovente e emblemática de Henrietta Fajcsák Seth, uma artista do surrealismo com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista que por meio da arte problematiza o autismo em sua vida. Para tanto, foram analisados e discutidos poemas da autora que representam sua narrativa como pessoa atravessada pelo autismo. As considerações finais elucidam que a poética de Henrietta é tecida com profundos sentimentos de dor, sofrimento e desejo de ser compreendida por outras pessoas, de modo a refutar os mitos preconceituosos e discriminatórios acerca da inexistência de sentimentos por parte das pessoas no autismo e ausência de criatividade.

Palavras-chave: Mulher com autismo. Escritora com autismo. Gênero e autismo. Arte e inclusão.

Abstract: The purpose of the article is to highlight and discuss the moving and emblematic literature of Henrietta Fajcsák Seth, a surrealism artist diagnosed with Autism Spectrum Disorder who, through art, problematizes autism in her life. To this end, poems by the author were analyzed and discussed, representing her narrative as a person affected by autism. The final considerations elucidate that Henrietta's poetics are woven with deep feelings of pain, suffering and the desire to be understood by other people, in order to refute the prejudiced and discriminatory myths about the lack of feelings on the part of people with autism and the absence of creativity.

Keywords: Woman with autism. Writer with autism. Gender and autism. Art and inclusion.

¹ Doutora em Educação. Professora da Universidade de Brasília. E-mail: seorru7@gmail.com

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido pela Associação de Psiquiatria Americana como um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos que podem se manifestar em 3 diferentes níveis de comprometimento que demandam suporte: nível 1 (leve), nível 2 (moderado), nível 3 (grave) (APA, 2013; 2022). A divisão de níveis de comprometimento tem causado confusões e sofrido críticas por parte da comunidade pró-autismo em razão de discursos capacitistas que pré-julgam e invalidam as dificuldades, os desafios como também as habilidades e os potenciais das pessoas com autismo, independentemente do nível de suporte que se encontram. Declarações constrangedoras e apedeutas que associam o autismo em sua manifestação mais profunda a ausência de sentimentos, inteligência inferior e total incapacidade. Em outro extremo, equivocadamente supõem que a pessoa com autismo em sua manifestação leve, não tem dificuldades ou não necessita de alguma forma de apoio (ORRÚ, 2024). Contudo, autismo é autismo e todas as pessoas que são atravessadas por esta condição, independentemente do nível de suporte, sofrerão com dificuldades que trarão prejuízos em sua vida íntima e social.

Na atualidade tem se tornado mais notória a presença de mulheres com autismo em diferentes contextos sociais. O fenômeno se deve ao desenvolvimento da pesquisa científica na área da saúde mental que percebeu que o autismo se manifesta de modo distinto no feminino, especialmente no que tange à maior capacidade de camuflagem social, mascaramento do autismo, melhor desenvolvimento das habilidades sociais e comunicativas se comparadas aos homens com diagnóstico de TEA. Se antes os dados das pesquisas afirmavam haver 1 menina com autismo para 4 meninos com autismo, hoje se sabe que para 4 meninos com autismo há 3 meninas com o mesmo diagnóstico (MCCROSSIN, 2022).

As meninas e mulheres com autismo em seus três níveis de suporte estão presentes nos mais diversos espaços sociais, inclusive na arte e na literatura. O propósito deste artigo é evidenciar e discutir acerca da literatura comovente e emblemática de Henrietta Fajcsák Seth, uma mulher e artista com diagnóstico de autismo que por meio da arte problematiza o autismo em sua vida.

Henrietta Fajcsák Seth, arte e literatura atravessadas pelo autismo

Henrietta Fajcsák Seth (pseudônimo húngaro, Seth F. Henriett) nasceu em 27 de outubro de 1980 em Eger, uma cidade situada ao norte da Hungria, importante região de viticultura. Foi diagnosticada com autismo ainda na infância. Apesar de oralizar desde os 9 meses de idade, sua fala era apenas ecológica, seu comportamento era considerado obsessivo e a rigidez cognitiva se fazia presente rotineiramente, além de sofrer os prejuízos da seletividade alimentar, distúrbios do sono e do processamento sensorial. Ao longo de sua vida, enfrentou diversos problemas de saúde física e mental como doenças autoimunes e cardíacas, problemas ortopédicos e de visão. Em 2009, foi diagnosticada com câncer. Em 1987, sua matrícula foi recusada em todas as escolas de ensino fundamental de sua cidade em razão de suas dificuldades para se comunicar e para fazer e manter o contato visual. Em 1989 ela foi matriculada em uma escola de educação especial para alunos com deficiência intelectual. No mesmo ano passou a frequentar uma escola de arte e música (TREFFERT, 2008).

Apesar de suas dificuldades, com apenas 8 anos de idade, Henrietta demonstrava ter um excelente nível de conhecimento, já tendo lido os poemas compostos por Attila József, famoso escritor húngaro do século XX que foi influenciado pelo surrealismo, conhecido como o “poeta proletário” que problematizava questões sobre a vida das pessoas de classes socioeconômicas mais vulneráveis com um espírito crítico acerca da sociedade contemporânea. De acordo com o pesquisador Darold Treffert da *University of Wisconsin Medical School*, Henrietta, desde criança, destacava-se em atividades próprias das artes:

Tocou flauta aos 8 anos e contrabaixo aos 10-12 anos, e até os 13 anos participou de vários concertos no *Garrison and Soliders of Club* (em húngaro: *Helyorsegi Klub*). Aos 9 anos ela já compunha poemas. Aos 10 anos, Henrietta foi vencedora de um concurso de contos. O primeiro poema de Henrietta foi publicado no periódico *Lyceum Paletta* em 1999. Em 2000, aos 19 anos, Henrietta foi a vencedora do XII Concurso Internacional de Literatura na categoria poema, e ganhou o primeiro prêmio na categoria poema e romance no XIII *International Literature Competition* em 2001. O seu trabalho premiado, “Processo de Escrita” (em húngaro: *Az irova valas folyamata – Hogyan legyunk sikeres irok?*) foi publicado no periódico *New Face (Uj Arc)*. Em 1995 começou a frequentar a Escola Secundária *Geza Gardonyi Cistercitan*, especializando-se em arte, onde a sua memória foi um verdadeiro trunfo para a sua capacidade artística. Henrietta ganhou o Prêmio *Geza Gardonyi* aos 18 anos, depois de ter sido uma das melhores alunas por quatro anos, e também por seu trabalho ter sido exibido na galeria da Casa das Artes (*Muveszetek Haza*) entre os 16 e os 18 anos (TREFFERT, 2008, p. 1, tradução nossa).

Henrietta, influenciada pela arte surrealista, alcançou seu reconhecimento como artista se destacando como poetiza, escritora e pintora. Teve diversas de suas obras poéticas publicadas em húngaro, além de ter participado de documentários e monodramas. Suas pinturas foram expostas em importantes galerias de artes. Em meados de 2002 recebeu seu diagnóstico de autismo associado à Síndrome *Savant* que tem por característica uma habilidade extraordinária em algumas áreas e muitas dificuldades em outras, seus testes de QI indicaram acima de 140 (teste Raven) e acima de 120 (teste MAWI). Em 2005 escreveu o livro *Autizmussal önmagamba Zarva* (Aprisionada em mim mesma com autismo), publicado pela Universidade de Pécs na Hungria e em 2006 escreveu a obra *Autizmus - Egy másik vilag* (Autismo — Outro Mundo), além de outros vários artigos acerca da vida no autismo (TREFFERT, 2008).

Eram muitos os desafios de Henrietta diante do atravessamento do autismo em sua vida, acompanhado de tantas outras condições clínicas complexas. A intensidade dos sintomas trazia muito sofrimento a artista, de modo que aos 13 anos de idade ela desistiu de sua carreira musical, aos 25 anos deixou sua carreira literária e antes de completar 27 anos, desistiu totalmente de sua pintura criativa (FAJCSÁK, 2012). Em uma de suas narrativas, Henrietta comenta o êxito de suas composições artísticas diante da mídia húngara e como isso não impactava em sua autoestima. Contudo, as dificuldades em se comunicar diretamente com as pessoas a restringiu de participar de programas de rádio e TV para os quais era convidada.

E lembro que, voltando da psiquiatria para casa, esta pergunta surgiu na minha cabeça: "Você é autista ou humana?" Não obtive resposta de ninguém. Apenas sedativos fortes, incluindo Risperdal, que é tomado tanto por crianças como por adultos com autismo. Isso tornou minha vida um pouco melhor. Em 2000, foi organizado pela Associação Internacional de Escritores Húngaros, o XII. No Concurso Literário Internacional fiquei em 6º lugar na categoria poesia. Em 2001, o XIII. No Concurso Literário Internacional, ganhei o primeiro lugar nas categorias poesia e prosa. Os telefones tocavam, o rádio me chamava, mas eu não estava interessada em nada disso. Não houve nenhum efeito sobre mim. Porém, assim que peguei o telefone, me chamaram para uma entrevista na TV e me ofereceram um emprego imediato como repórter de um jornal. Eu tinha apenas 20 anos, quase ainda era uma criança. Porém, tudo que consegui dizer ao telefone foi: "Não sei falar". Eles responderam: "Como assim? O que quer dizer com isso? Todo mundo sabe conversar!" Não tive resposta para isso. Desliguei o telefone sem dizer uma palavra. Eles nunca mais me procuraram... (SETH, 2006b, p. 1, tradução nossa).

Apesar de sua saída precoce das admirações de todos aqueles que se maravilhavam com sua arte, Henrietta marcou profundamente os espaços pelos quais passou com a tecitura de sua expressividade sobre a vida no autismo. Desde que encerrou suas atividades públicas como artista, não foram publicadas outras notícias sobre a vida de Henrietta.

“Porque cada palavra silenciosa é um gesto”

Henrietta se aprofundou sobre os estudos e as pesquisas acerca do autismo. Suas reflexões eram robustas e profundas, e a partir do que lia e também do que sentia vivenciando o próprio autismo, ela se dedicava a escrever para que outras pessoas também tivessem acesso à informação e buscassem romper com todo o estigma e preconceito social para com as pessoas com autismo (PcA).

Quando eu mesma leio pesquisas sobre autismo e "síndrome de *Savant*", realmente parece um grande mistério e, às vezes, penso que é uma forma extremamente fechada da natureza humana, em algum lugar no limite do comportamento humano introvertido (SETH, 2016, p. 1, tradução nossa).

A escrita prodigiosa de Henrietta anuncia tanto sua capacidade de pensar e analisar acontecimentos complexos do mundo exterior como de elaborar seu pensamento sobre sua própria condição e universo interior. Isto demonstra sua alta habilidade para pensamentos complexos e profunda empatia para com a vida de outras pessoas no espectro. Em seu livro *Autizmussal onmagamba zarva* (Aprisionada em mim mesma com autismo), ela exprime:

Era uma vez um mundo,
no mundo havia um planeta,
no planeta um continente,
no continente um país,
no país uma cidade,
na cidade um apartamento,
no apartamento um quarto,
uma pessoa num quarto
e um mundo numa pessoa
(SETH, 2005, p. 7, tradução nossa).

Silêncio, é uma das palavras mais mencionadas em toda a obra de Henrietta. O silêncio que se materializa aos outros pelo mutismo, o silêncio que silencia a fala de seus

pensamentos, que cala suas angústias para a vida fora de seu corpo. Um silêncio barulhento que atormenta sua mente, onde a solidão a alcança mesmo quando acompanhada. O silêncio no autismo não se faz presente apenas quando não há fala, mas também quando é notável a capacidade de falar e as palavras escapam, fogem e se escondem do sentido e do significado que precisam emanar ao outro. Ou seja, em muitas ocasiões, apesar de haver fala, o sujeito com autismo se depara com uma imensa dificuldade em se comunicar, em se fazer entender para as outras pessoas, independentemente do nível de suporte. “Silenciosamente” é um dos poemas mais tocantes de Henrietta pelo qual ela expressa seu atravessamento de vida no autismo.

As palavras sussurram silenciosamente em minha alma
Falarei com você sem voz, se estiver tudo bem
Olhos perolados rolam silenciosamente de meus lábios
Ouçam isso também, pessoas falantes (verso 1)

Pois a palavra do silêncio é silenciosa, mas fala com rapidez
E corre até você, na sua frente, se afogando
Para te contar como é o silêncio
Que todos os meus pensamentos são pisoteados (verso 2)

Porque eu quero lhe dizer palavras lindas, boas,
perfumadas, doces, angelicais e reconfortantes
Mas não consigo mais, pois as palavras voaram dos meus lábios
Tudo o que resta é um pensamento fechado (verso 3)

Se ao menos o silêncio saísse de mim como um raio
Como um raio que repousa silenciosamente sobre a mesa, sem palavras
que quer mergulhar em algo que seja doce (verso 4)

Mas ele é impedido pela palavra vazia do prato vazio
Assim como eu sou impedida com as palavras e as letras
Eu colocaria tudo diante de você, com olhos gentis
Mas a minha alma está vazia, nua (verso 5)

O meu corpo é como se não tivesse nada
Tal qual o pulsar do coração em formas já extintas
Silêncio é o nome do trem silencioso da minha alma
O autismo mudo me condenou ao silêncio (verso 6)

Porque cada palavra silenciosa é (seria) um gesto
Claro, em sua direção, para você compreender
Mas se você não entende isso, ficarei em silêncio
Silenciosamente me afogando em minha alma, silenciosa e trêmula... (verso 7)
(SETH, 2010, p. 1, tradução nossa).

Henrietta denota a dor e o sofrimento especialmente vivenciados pelas pessoas com autismo que não oralizam, características frequentemente presentes no nível 2 e, principalmente, no nível 3 de suporte. Em algumas fases de sua vida, ela mesma se

encontrava incapaz de falar, de maneira que exprime pela poesia o sentimento mais dolorido pelas palavras terem voado de seus lábios enquanto seu pensamento é pisoteado pelas muitas sobrecargas sensoriais, vazio existencial e ausência de sentido da vida (verso 2 e 3).

Ainda hoje, em nossa sociedade supressora das diferenças, equivocadamente, alguns proferiram e ainda acreditam que as PcA não têm sentimentos, que estão desprovidas de empatia e humanidade, e que não percebem o que acontece ao redor (MUKHOPADHYAY, 2008; BRÍGIDO, 2016; O ALFENENSE, 2021). Não obstante, Henrietta desnuda essa inverdade produzida pelo preconceito e discriminação expressando pela sua escrita o quanto ela nos deseja enunciar palavras “lindas, boas, perfumadas, doces, angelicais e reconfortantes” (verso 3), mas é impedida pelo mutismo de seu autismo que a condenou ao silêncio silencioso (verso 6).

Embora as dificuldades na interação social e comunicação sejam características fortemente presentes na vida das PcA, inclusive na de Henrietta, ela transpira um imenso desejo de se comunicar com o outro a ponto de ansiar que o silêncio saísse dela como um raio (verso 4). No entanto, as palavras, embora fermentem sua mente e alma, apenas se revelam em seu próprio sussurro calado consigo mesma, de maneira que tais palavras correm até nós, em nossa direção, mas sem êxito, afogam-se nas profundezas de um silêncio gritante que habita a alma da autora (verso 1 e 2).

Aflita para ser ouvida e compreendida, Henrietta insiste em nos contar sobre a palavra silenciosa do silêncio que a silencia sem compaixão, que cala a sua fala mais sincera. Então nos explica em seu último verso que cada palavra silenciosa sua é um gesto que vem em nossa direção para que compreendamos com uma escuta sensível e olhar empático os sentimentos que brotam em sua alma e pensamento atravessados pelo autismo.

Finaliza alertando aos falantes que se não forem capazes de ouvir sua voz silenciosa em cada um de seus gestos, ela se afogará silenciosamente em sua alma, em profundo silêncio e solidão, trêmula, sem esperança de ser ouvida, vista e compreendida como um ser humano (verso 7). Este manifesto da autora se traduz cotidianamente na vida de milhares de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos com autismo pelo mundo afora. É preciso sensibilidade para acolher e oportunizar espaços de vida e de fala às PcA, quer pelas artes ou pelo caminho que lhes for mais favorável.

Em 2006, Henrietta compôs o poema intitulado “Ei, a criança não fala?” que retrata as particularidades de uma criança que ao término da narrativa, revela ter sido ela mesma em sua infância.

Ei, outro prisioneiro nasceu, que não é húngaro e nem árabe
[...]
Ela ri, ela balança, ela ri
Mas há algo em seu rosto que te assusta
Ela geme e luta no mundo
Ela não se sente bem com nenhuma roupa
[...]
Sua voz é silenciosa, ela repete as palavras
Não compreende as vozes humanas
Seus olhos doem, e algo nela está aterrorizado
Quem dera você pudesse dizer o que te machuca
[...]
Ela só chora, soluça e soluça
Ela murmura palavras sem sentido
Não se importa com este mundo cinzento
Ela não olha para o rosto das pessoas
[...]
Em seus amáveis olhos, fala a palavra do silêncio
[...]
Ela continua a girar em torno de si mesmo
Ela está girando a cabeça, acredite, não é algo divertido
Eu era essa criança, e agora estou falando em voz alta
Entre vocês, para vocês
Estejam cientes
Para que carreguem amor em seus corações
(SETH, 2006, p. 1, tradução nossa).

O poema é didático quanto às singularidades de uma criança com autismo. Henrietta descreve as dificuldades de comunicação e também sensoriais, as sensações de dor e sofrimento, além dos muitos movimentos que a literatura médica e científica denomina de estereotípias e comportamentos repetitivos, tais como: balançar o corpo, girar em torno de si mesma, expressões faciais empobrecidas, dificuldades no contato visual com outras pessoas, mutismo, dificuldades na comunicação, linguagem própria por meio dos murmúrios e risos sem aparente motivo, sensibilidade à roupa, ecolalia (APA, 2013).

Após 80 anos desde os primeiros estudos de Leo Kanner sobre o autismo (KANNER, 1943), hoje se sabe que os movimentos repetitivos chamados de estereotípias, são formas encontradas pelas PcA para se autorregular, assim como outras possibilidades de lidar, amenizar ou mesmo evitar sobrecargas sensoriais e emocionais pelo caminho das artes, do contato com a natureza, do desenvolvimento do hiperfoco como potência, além dos suportes promovidos pelos profissionais da saúde mental, tratamento

médico e medicamentoso quando necessário, nutricionistas, bem como abordagens pedagógicas que são oportunas às demandas dos estudantes com autismo, tanto no contexto escolar como no universitário.

Ao narrar sua própria experiência no autismo, Henrietta nos elucida que o nível de intensidade, comprometimento e de suporte não são fixos e imutáveis. Em um primeiro momento de sua vida infante, ela se encontrava com maiores dificuldades na interação social, na comunicação efetiva e com determinados desafios em sua autorregulação sensorial e emocional. Ao se ver como uma jovem adulta, ela reconhece seu processo de desenvolvimento e nos conta que agora ela pode falar sobre o autismo e sobre si mesma em voz alta, ocupando seu lugar de fala e nos convocando à ciência de toda sua revelação para que carreguemos amor em nossos corações por uma escuta e olhar sensíveis às questões singulares das PcA. Acerca do conceito de lugar de fala, citamos Djamila Ribeiro:

[...] representa o fim da mediação na fala, ou seja, representa o sujeito como protagonista de seu próprio discurso reivindicatório. [...] [discurso] como um sistema que estrutura determinado imaginário social, [no qual se fala, portanto, de poder e controle] [...] O falar, neste caso, não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir (RIBEIRO, 2017, p. 56, 64).

No início dos anos 2000 ainda não tínhamos as redes sociais e sua potência para agregar conhecimentos e favorecer o encontro de pessoas que existem em um mesmo movimento social de luta por direitos fundamentais e sociais, conforme disposto no acervo legislativo nacional e internacional que também alcança as PcA, a exemplo: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), a Constituição Federal (BRASIL, 1988), a Convenção sobre os direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2008), a Lei Nº 12.764 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012), a Lei Nº 13.146 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), dentre outras.

Nesta época, era escassa a literatura científica sobre PcA e o autismo em mulheres era considerado quase um acidente de percurso, uma vez que as noções masculinas que povoaram a Ciência também impactaram drasticamente na negligência para o diagnóstico, tratamento e suporte às demandas das meninas e mulheres no autismo (ORRÚ, 2024). Neste sentido, as narrativas e as composições artísticas de Henrietta, especialmente sua escrita, foram e são de valor incomensurável aos estudiosos e pesquisadores das mais

diversas áreas do conhecimento que se debruçam na compreensão do autismo e seus distintos modos de se fazer presente na vida das meninas e das mulheres.

Seu pioneirismo acentua a necessidade da escuta sensível dos mais diversos pesquisadores sobre aquilo que as próprias mulheres com autismo têm a dizer sobre elas mesmas, sendo esta também uma questão de gênero e uma problemática que deve ser amplamente debatida pelos movimentos feministas, uma vez que a diferença e a interseccionalidade configuram a existência e a vivência das meninas e das mulheres com autismo em território patriarcal.

Enquanto a diferença se traduz na impossibilidade da repetição de seres humanos, uma vez que todos somos únicos e diferentes, a interseccionalidade, conceito nascente do movimento feminista das mulheres negras (AKOTIRENE, 2018), aponta para a barbárie da invisibilidade das mulheres com autismo que também são de povos e etnias distintas, são mulheres pretas e de todas as cores, são mães, são lésbicas, são trans, são de diferentes classes sociais e geografias.

Portanto, o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista virá a se repetir por todo o planeta ao longo da história da humanidade, mas as pessoas não se repetem, elas são únicas, logo, o diagnóstico do autismo não define quem é a pessoa, quem é a mulher com autismo. Todas são diferentes, todas experienciam o autismo em suas vidas de maneiras singulares e subjetivas. Conhecer a vida e a obra de Henrietta é uma maneira de melhor se aproximar do conhecimento sobre o autismo, de se permitir ser empático e de construir pontes para o acolhimento e desenvolvimento de políticas públicas e ações efetivas para as muitas demandas das meninas e mulheres com autismo, cada uma em seu próprio modo de existir, resistir e reexistir.

Considerações finais

Henrietta Fajcsák é uma mulher húngara com autismo que ficou conhecida internacionalmente por suas altas habilidades na arte e literatura. Seus livros e seus poemas narram sua própria experiência no autismo e contribuem significativamente para uma melhor elucidação sobre como uma pessoa com severas dificuldades de interação social e comunicação, pode perceber e sentir o mundo ao seu redor.

Sua poética é tecida com profundos sentimentos de dor, sofrimento e desejo de ser compreendida pelas outras pessoas, de modo a refutar os mitos preconceituosos e discriminatórios acerca da inexistência de sentimentos por parte das PcA.

Embora Henrietta tenha encontrado na música, na pintura e na escrita o seu ponto ótimo para se expressar, comunicar-se e se autorregular, os sintomas do autismo acompanhado por outras condições clínicas, tornaram-se extremamente desafiadores resultando no afastamento de suas atividades artísticas e exposição social.

Entretanto, importa-nos dizer que a descoberta e o desenvolvimento do eixo de interesse de uma PcA são de irrefutáveis importâncias e podem ser divisores de águas para sua satisfação pessoal, educação básica e superior, inclusão social e autossustento no mundo do trabalho.

Por fim, sua vida e obra nos revela que o autismo, com todas as dificuldades e desafios que possa trazer, não é impeditivo de criatividade e sensibilidade. Valorizar as potencialidades e respeitar os limites são os desafios contemporâneos das sociedades complexas na compreensão e acolhimento de todas as pessoas, de todas as mulheres com autismo.

Referências

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR.** 5 edition, text revision. ed. Washington: American Psychiatric Association, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders.** DSM-V. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.** Brasília: Presidência da República, 2008.

BRASIL. Lei nº 12764, de 27 de dezembro de 2012. **Diário Oficial,** Brasília, 27 dez 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015:** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BRÍGIDO, C. Cármen Lúcia se desculpa com autistas por comentário em entrevista. **O Globo**, 19 set. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/carmen-lucia-se-desculpa-com-autistas-por-comentario-em-entrevista-20138543>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

FAJCSÁK, H. S. Henrietta Seth F. **Scribd**, 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/127316071/Seth-F-Henriett-Fajcsak-Henrietta-Amerikai-Egyesult-Allamok>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

KANNER, L. Autisc Disturbances of Affective Contact. **Nervous Child**, n. 2, 1943. p. 217-250. Disponível em: <<https://bpb-us-e1.wpmucdn.com/blogs.uoregon.edu/dist/d/16656/files/2018/11/Kanner-Autistic-Disturbances-of-Affective-Contact-1943-vooiwn.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

MCCROSSIN, R. Finding the True Number of Females with Autistic Spectrum Disorder by Estimating the Biases in Initial Recognition and Clinical Diagnosis. **Children**, 9, n. 272, 17 fev 2022. p. 1-18. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/children9020272>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

MUKHOPADHYAY, T. **How Can I Talk If My Lips Don't Move?** USA: Arcade Publishing, 2008.

O ALFENENSE. Em programa de rádio, prefeito de Alfenas fala que autistas não têm sentimento. **O Alfenense**, 05 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.oalfenense.com.br/noticia/626/em-programa-de-radio-prefeito-de-alfnas-fala-que-autistas-nao-tem-sentimento>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: UNIC, 1948/2009. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

ORRÚ, S. E. **Aprendizes com autismo:** aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

ORRÚ, S. E. **O Autismo em Meninas e Mulheres:** Diferença e Interseccionalidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SETH, F. H. **Autizmussal onmagamba zarva**. Hungria: Universal, 2005. Disponível em: <<https://archive.org/details/autizmussal-onmagamba-zarva-seth-f.henriett-2005/page/n7/mode/2up>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

SETH, F. H. Autista Lány a Főiskolán. **AOSZ**, fev. 2006b. Disponível em: <<https://aosz.hu/esoember/seth-f-henriett-autista-lany-a-foiskolan/>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SETH, F. H. Hangtalanul. **Blog.xfree**, 04 dez. 2010. Disponível em:
<<https://blog.xfree.hu/myblog.tvn?n=taltos1&pid=74835>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

SETH, H. Ej, nem szólal a gyermek? **Aosz**, mar. 2006. Disponível em:
<<https://aosz.hu/esoember/seth-f-henriett-ej-nem-szolal-a-gyermek/>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SETH, H. Savant szindróma. **Tipics**, dez. 2016. Disponível em:
<<https://tipics.blogspot.com/2016/12/normal-0-21-false-false-false-hu-x-none.html>>.
Acesso em: 15 abr. 2024.

TREFFERT, D. A. Henriett Seth F.: rain girl. **Wisconsin Medical Society**, 2008.
Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20080225110746/http://www.wisconsinmedicalsociety.org/savant_syndrome/savant_profiles/henriett_seth>. Acesso em: 08 abr. 2024.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.